

Impressões permanentes – Uma Experiência de Dança

Escrito pela Farida Fahmy, Mestre em Etnologia da Dança pela UCLA – Novembro de 2008.



Muitas coisas na vida são difíceis de explicar. Quando eu era criança, por alguma razão que está além da minha compreensão, sabia que seria uma bailarina, completamente alheia ao quão impossível aquilo seria por conta dos tabus sociais que cercavam a dança na época. Conhecer a família do Reda e compartilhar as mesmas ideias e ambições artísticas foi realmente algo mágico no sentido de que o momento era propício, as pessoas envolvidas eram talentosas e perseverantes com o compromisso de realizar suas ambições artísticas. Ser uma estrela de um grupo ilustre com fama no Egito e internacionalmente foi além dos

meus sonhos. Eu saboreei cada momento. Quando eu olho para trás agora, depois de tantos anos, eu ainda consigo recordar, como sonhos nítidos, muitas impressões e sensações. O próximo texto é inspirado na tarefa que escrevi para uma aula de fenomenologia durante os meus estudos na U.C.L.A.

Relembrando uma Experiência de Dança.

Um pintor usa tinta e pincéis para trazer o que ele entende da existência, que, em retorno, conversa diretamente com o observador. Tinta e pincéis são os canais de suas criações. Quando um bailarino ou uma bailarina dança movimentos pré-definidos e pré-desenhados, ele ou ela são os próprios mediadores. O bailarino ou a bailarina se torna o instrumento que traz à tona as percepções do coreógrafo sobre a existência. Pode um bailarino ou uma bailarina ser reconhecido/a como um/a artista criativo/a se ele ou ela está interpretando um trabalho criativo de uma outra pessoa? Diferentemente de uma dança puramente improvisada, ao apresentar uma dança coreografada o bailarino ou bailarina precisa se adaptar conforme a maneira criada pelo coreógrafo. O bailarino ou bailarina contempla os movimentos dados a eles, reagindo ao que eles fornecem de experiência sensorial imediata, que é, conseqüentemente, transmitida ao observador (plateia) de modo que transcenda o processo mecânico do movimento. Essa resposta do mediador (bailarino ou bailarina) consiste em unificar corpo e mente. Os meios da expressão continuam sendo a linguagem corporal primeiramente observadas pelo coreógrafo. O

bailarino ou bailarina não adiciona formação, movimentos ou gestuais às danças, apenas executa os movimentos pré-definidos e compostos recebidos. O processo criativo do bailarino ou bailarina deveria ser a **maneira** como ele ou ela apresenta esses movimentos. É **como** eles são apresentados.

Bailarinos/as Talentosos/as.

Talento é uma aptidão artística natural e que é inata a uma pessoa. O bailarino ou bailarina que possui essas qualidades se destaca entre muitos, não só por suas habilidades e técnica, mas também pelas qualidades intangíveis que são dotadas a ele ou a ela. É a energia que flui em resposta às experiências sensoriais e às reações a elas. É o contato poderoso que é compreendido e transformado entre a dança e o bailarino ou a bailarina.

Recordando uma Experiência de Dança

Estou em pé nos bastidores. aguardo a minha vez para entrar no palco adequadamente. Sinto o cheiro eterno e peculiar de madeira, cenário, tinta, cola e cera de madeira.

Sinto o calor das lâmpadas e dos projetores no meu pescoço e nos meus ombros. Escuto conversas e movimentos baixos misturados com a música que ressoa e que é emitida a alguns metros de distância.

Sinto a sensação de euforia que gradativamente me envolve e cresce enquanto os segundos se passam. Estou envolta de calma com nuances de entusiasmo.

Fico na zona intermediária entre o mundo real externo e o mundo em que vou adentrar. Levo minha atenção ao palco e deixo a penumbra atrás de mim.

Sinto meus sentidos se aguçarem, meus músculos tensionarem. Respiro um pouco mais rapidamente enquanto olho a minha frente. Vejo bailarinos e bailarinas no palco, eu os conheço bem. Eles passam a ser figuras sem rostos, formatos e formas abstratas, eles estão reagindo aos sons, batidas e ritmos que estão sendo propagados.

Agora monitoro cada um dos seus movimentos... passos... ações. Alguns segundos depois, eu me misturo conscientemente atenta ao meu corpo, como eu me movo, piso... e...

Mergulho na experiência

Meu “corpo-ser” está “re-encenando” as ações predesenhadas, predeterminadas. Meu ser sensorial encontra os sons, batidas e ritmos precompostos. Eu avanço... recuo... giro... piso... e me desenrolo.

Meu corpo-ser dobra... desdobra... balança... de um lado para o outro... uma vez... duas vezes... desacelero... pego velocidade... mais rápido... mais rápido... gradualmente... de repente...

Meu corpo-ser re-encena, atua e reage. Meu corpo-ser recebe o movimento. Meus sentidos recebem a música. Meu corpo-ser reage com e ao movimento. Meus sentidos reagem com e à música. Meu corpo-ser evidencia a recepção.

Meus sentidos ativam o meu corpo-ser. Interpreto o movimento. Eu me torno o movimento. Sinto a música. Vivo a música. A dança termina.

Eu estava consciente

Meu corpo-ser interpretava o pré-concebido. Meu corpo-ser contemplava. Meu corpo-ser “se tornava”. Meu corpo-ser exibia o que ele se tornava.

O meu observador recebia o que eu estava me tornando. Meu observador recebia o que eu exibia. Eu sentia o que estava me tornando. Eu percebia o meu observador quando ele recebia.

Eu estava consciente. Do meu corpo-ser. Dos movimentos. Do que o movimento significava para mim. Da música. Do que a música fazia comigo. Do público. Consciente do tempo... segundos... minutos... eternidade de contentamento, sublimação, uma incrível sensação de bem-estar.

Euforia

Imagens: Arquivos pessoais de Mahmoud Reda

Design/web: Keti Sharif

www.ketisharif.com

Tradução: Fernanda Gomes- Escola Gateway English School

www.gateways.com.br